

03-04-2020

Enquanto os gatos passam álcool-gel nos bigodes os ratos fazem a festa

Rossel Lyra Desmond

[Antropóloga. Indigenista]

O extermínio dos índios saiu de moda. Só se fala em Coronavírus. Ou melhor, fala-se também da alta do dólar, da queda da bolsa, do preço do petróleo, do PIBinho e, claro, do sumiço do álcool-gel dos entrepostos bancários, perdão, comerciais. São os gatos gordos do liberalismo perverso que estão no governo que mudaram de assunto.

Primeiro impõem o teto de gastos da saúde e da educação, depois dizem que os servidores públicos são parasitas e que os locais onde se faz pesquisas, inclusive sobre vírus, são antros de maconheiros. Mas aí, como “gato escaldado tem medo de água fria” põem o rabicho entre as pernas raspadas em algum SPA de Miami e liberam uma graninha para a mesma saúde pública que, antes, não servia para nada. Esses gatinhos brasileiros, criados em alguma *pet-shop* de Washington, só pensam em saúde privada, como é lá na sua matriz genética. Mas, como a ameaça comunista chinesa de soltar o vírus para diminuir o preço das *commodities* no Brasil pode excitar e depois atingir militares saudosistas da ditadura, evangélicos fundamentalistas e milicianos compadres, os gatinhos resolvem passar álcool-gel nos bigodes. Enquanto isso, as ratazanas do garimpo ilegal, do agronegócio predador e das milícias capangas dos grileiros e gatos engratados de Brasília avançam sobre os índios. Índios estão sendo dizimados. Não duvide disso. Se não forem dizimados pelo coronavírus, pessoal anti-índio não se preocupe! Eles já estão e agora, com o foco na pandemia, mais ainda.

Não só fisicamente, mas moralmente, culturalmente, politicamente, eticamente. Índios são populações vulneráveis - dependem de políticas públicas que os protejam -. Para defender o nosso país, defendem as nossas riquezas, florestas, fronteiras e preservam uma cultura milenar e extraordinária que é absolutamente inigualável sobre a Terra. São idiomas, costumes, músicas, danças, formas de caçar, comer e sobreviver que têm mais a nos ensinar do que os gabinetes de Brasília. Essa coisa de ocupar a floresta (e ameaçar quem nela vive) para viabilizar o desenvolvimento do país é conversa de setores econômicos e governos mal intencionados, cujo horizonte político não contempla direitos humanos e ambiental. Isso é tão óbvio que até os seguidores de Olavo de Carvalho sabem. Sabem, mas fingem que querem o bem do país. Vivemos a era do fingimento. Empresários sem escrúpulo, respaldados por governos idem, posam de benfeitores para gerar empregos. Malfeitores fingidores.. só.. desemprego...

Mas o fingimento tem sempre um fim, geralmente dramático. A Europa sabe bem do que se trata isso.

Depois de dizimar suas florestas foram por aí, aqui e acolá buscar colônias para respirar ar puro e, de quebra, roubar o que lhe sustenta até hoje. Roubar provocando o extermínio de povos, nações, etnias e culturas milenares.

A história humana, medida em tempo cronológico, não consegue dar a dimensão exata da catástrofe. A história humana deveria ser medida em tempo ético. Não é o caso.

A cronologia histórica apenas nos mostra uma linha do tempo com milhões de catástrofes humanas, no varejo, cotidianas, ao longo dos séculos. E algumas centenas de milhares de catástrofes no atacado, como as guerras, as epidemias (inclusive de fome), as revoluções sangrentas, as tragédias humanitárias (inclusive ambientais). Não há humanidade que resista a essa forma de existir sobre a Terra. Se algumas religiões confundem todos ao jogar responsabilidades para seres de esferas extraplanetárias, é na política que se traça o plano de manutenção da catástrofe e no modelo econômico que se sustenta a catástrofe, seja no varejo ou no atacado. Em plena pandemia de coronavírus (uma das catástrofes no atacado), no dia 20/03/2020, com [35 conflitos militares ativos](#), os [EUA testaram novo míssil hipersônico](#). Pudera ser um míssil de cura do coronavírus. Mas a aventura humana da ética e da solidariedade ainda não acompanha o tempo cronológico.

O tripé políticas desumanas, economias inumanas e religiões supra-humanas tem muito a nos ensinar como NÃO tratar das coisas humanas. Chamemos os índios.

.....
Ailton Krenak, da etnia crenaque, assim como Paulo Freire, reconhecido mais no exterior do que em seu país, tem mais a dizer para nós do que governantes irresponsáveis de um país desgovernado:
A mentira e a manipulação colocam a vida das pessoas íntegras em risco.

.....
A grande diferença que existe do pensamento dos índios e do pensamento dos brancos, é que os brancos acham que o ambiente é "recurso natural", como se fosse um almoxarifado onde você vai e tira as coisas, tira as coisas, tira as coisas. Pro pensamento do índio, se é que existe algum lugar onde você pode transitar por ele, é um lugar que você tem que pisar nele suavemente, andar com cuidado nele, porque ele está cheio de outras presenças.

.....
Você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai.

.....
Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo para cima.
 ...

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.